

Argumentação e referenciação no debate político televisivo: análise das expressões nominais

Janyellen Martins Santos

Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil
janyellenmartins@gmail.com

Romildo Barros da Silva

Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil
romildomi@hotmail.com

Maria Francisca Oliveira Santos

Docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil
mfosal@gmail.com

Resumo: Este trabalho confirma como as expressões nominais, a partir da recategorização, atuam argumentativamente no debate político televisivo. O referencial teórico conta com as contribuições de Antunes (2005), Custódio Filho, (2011), Cajueiro (2013), Halliday e Hasan (1976), Koch (2004; 2011; 2014), Koch e Elias (2009; 2015; 2016), Marcuschi (2003), Moreira (2002) e Preti (2000). O estudo segue um âmbito qualitativo por priorizar a interpretação dos dados analisados, bem como o caráter processual da pesquisa. O *corpus* é constituído de recortes do debate político transmitido pela rede Band no período eleitoral de 2014. As análises demonstraram a funcionalidade das expressões nominais por meio dos processos de recategorização anafórica e catafórica e da recategorização metafórica na argumentação no debate político, auxiliando os debatedores, em suas falas, a conduzir os eleitores indecisos para o seu discurso, com a finalidade de motivar a escolha de um determinado candidato no pleito.

Palavras-chave: Argumentação. Debate político. Recategorização. Referenciação.

Abstract: This paper confirms how nominal expressions, based on recategorization, act argumentatively in the television political debate. The theoretical framework counts on the contributions of Antunes (2005), Custódio Filho, (2011), Cajueiro (2013), Halliday and Hasan (1976), Koch (2004; 2011; 2014), Koch and Elias (2009; 2015; 2016), Marcuschi (2003), Moreira (2002) and Preti (2000). The study follows a qualitative scope by prioritizing the interpretation of the analyzed data, as well as the procedural character of the research. The *corpus* consists of clippings of the political debate transmitted by the Band network in the 2014 election period. The analyzes demonstrated the functionality of nominal expressions through the processes of anaphoric and cataphoric recategorization and metaphorical recategorization in the argumentation of the political debate, helping the debaters, in their speeches, to lead undecided voters to his speech, in order to motivate the choice of a certain candidate in the election.

Keywords: Argumentation. Political debate. Recategorization. Referencing.

Introdução

Esta pesquisa evidencia a atuação de mecanismos textuais que auxiliam no fazer argumentativo do gênero debate político televisivo. As expressões nominais são o foco deste estudo, uma vez que por meio delas são percebidos dois tipos de recategorizações: a anafórica/ catafórica e a metafórica. A partir dessa análise, constatou-se que essas categorias textuais facilitam a aproximação dos debatedores com o seu público-alvo: eleitores que ainda não decidiram o candidato que melhor se alinha às suas convicções e, por essa razão, merece o seu voto.

O material de análise adveio de transcrições de um debate político televisionado pela rede Bandeirantes de televisão, no ano de 2014. Esta pesquisa teve início no Grupo Linguagem e Retórica, da Universidade Estadual de Alagoas e foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal de Alagoas no Grupo de Estudos do Texto e da Leitura – GETEL/UFAL. A partir das transcrições, observaram-se os aspectos do funcionamento da referenciação, no que concerne às recategorizações, no debate político brasileiro.

O artigo está dividido em seis seções. A primeira trata da definição do fenômeno da referenciação e seus conceitos, observando a reconstrução dos objetos de discurso e os conceitos norteadores de Koch (2004) e Halliday e Hasan (1976). A segunda seção relaciona as expressões nominais com a perspectiva argumentativa, seguindo os pressupostos de Antunes (2005), Koch (2011; 2014), Koch e Elias (2009; 2015; 2016). A seção três descreve como ocorre a recategorização de acordo com Custódio Filho (2011), Koch e Elias (2009; 2016).

A quarta seção, por sua vez, mostra as características do gênero debate e sua contextualização histórica, fundamentadas por Costa (2009) e Leite (2003). A quinta seção apresenta os métodos de estudo. As análises das expressões nominais e dos dois tipos de recategorização salientes nas transcrições do debate político são evidenciadas na última seção. Dessa maneira, o empreendimento analítico aqui realizado põe em prova a atuação dessas categorias textuais e o funcionamento do gênero debate, proporcionando a prática da argumentatividade e da disseminação de sentidos no texto.

1. Referenciação: conceituações

Os estudos mais recentes sobre os aspectos retroativos da linguagem, nos quais ocorrem a (re)ativação de referentes presentes no texto ou não, podendo ser inferidos pelo contexto, não tratam de referência ou coesão referencial, mas sim de referenciação, segundo Koch (2004). Tal denominação ocorreu pela percepção de que a realidade não é simplesmente representada pela linguagem, mas sim reconstruída por meio dela. Dessa forma, os sujeitos não dizem ou representam a realidade como de fato ela é, mas sim a reelaboram a partir da compreensão e percepção que têm dela, atrelando a isso as suas experiências e seus conhecimentos de mundo.¹ Por isso, Koch (2004) toma a referenciação como uma atividade discursiva e, sendo assim, o referente não é somente um elemento que é referido ao longo do texto, mas algo que é (re)construído discursivamente, logo é denominado como um objeto de discurso.

Nesse sentido, há mais de quarenta anos, a referência não é considerada do mesmo modo que, em geral, é, “como simples representação extensional de referente do mundo extramental, mas sim como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade” (KOCH, 2004, p. 57). Assim, nota-se como essa denominação difere daquela que é dada por Halliday e Hasan (1976), que a consideravam como a relação entre o elemento de referência e a forma referencial. A partir dessa nova denominação, vê-se a evolução desse estudo e de como os processos referenciais vão além de simples retomadas de elementos de um texto.

Nessa perspectiva, os estudos em referenciação não se detêm somente a esses processos referenciais como a anáfora ou a catáfora, mas sim a outros tipos como aqueles realizados por inferência e associação, como as anáforas indireta e associativa, sendo estas denominadas como formas de introdução de referentes no texto. Além disso, Koch (2004) trata das funções que alguns recursos apresentam, como é o caso das expressões nominais que podem

¹ A realidade de fato como é, não é representada pela linguagem, pois essa última apenas revela uma percepção do real (CUSTÓDIO FILHO, 2011). A linguagem faz o primeiro processo de ressignificar a realidade; e a referenciação faz o segundo processo de ressignificação baseada nessa percepção do real. Dessa maneira, o processo de reelaboração necessita de uma ancoragem sobre a realidade, assim há a possibilidade de reconstruí-la discursivamente com acréscimo de ideias, de acordo com os conhecimentos de mundo de cada sujeito.

promover encapsulamento/sumarização/rotulação, organização micro e macrotextual, atualização de conhecimentos, categorização metaenunciativa, entre outras especificidades.

Além disso, as pesquisas em referenciação demonstraram como esse fenômeno pode atuar também em uma perspectiva argumentativa em um texto. Esses processos e essas funções são reflexões mais atuais dos estudos da coesão, sobretudo no que se refere à referenciação, demonstrando a evolução dessa área desde Halliday e Hasan (1976).

2. Argumentação e referenciação: as expressões referenciais

Quando se fala em orientação argumentativa no texto, pode-se remeter logo à coesão sequencial e à força argumentativa dos operadores argumentativos. Na realidade, é possível dotar um texto de argumentatividade por meio da referenciação. Nesse sentido, Koch (2011, p. 106) faz uma crítica às vertentes de estudo da referenciação que se voltam somente à anáfora, “sem levar em conta as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas das diversas formas de expressões referenciais, que precisam ser vistas como multifuncionais [...]”. Dessa forma, a partir das expressões referenciais é possível trabalhar a força argumentativa em um texto.

As *expressões nominais definidas* além de retomarem o referente, definem, descrevem e caracterizam o objeto de discurso. Essas expressões, geralmente, são formadas por artigos definidos ou por pronomes demonstrativos, que exerçam função remissiva, e são seguidas de um nome, como afirma Koch (2014).

A respeito desse recurso, Antunes (2005, p. 111) afirma o seguinte:

Lançar mão deste recurso, no entanto, mobiliza, antes de tudo, nosso conhecimento de mundo. Ou seja, neste tipo de substituição, o conhecimento da língua, apenas, é insuficiente; pelo contrário, o conhecimento de mundo, o conhecimento da situação imediata, dos episódios do dia a dia é que são mais significativamente mobilizados. As substituições são autorizadas pelas informações que se tem na memória acerca das entidades envolvidas.

Nesse sentido, como essas expressões são predominantemente discursivas e contextuais, nesse tipo de retomada, o interlocutor necessita

valer-se de conhecimento de mundo e, principalmente, do contexto para que se ativem as características e/ou propriedades do objeto de discurso, segundo Antunes (2005) e Koch (2014). Assim, o primeiro é importante para que o leitor/ouvinte compreenda a relação existente entre a expressão definida e o referente; e o segundo estabelece quais informações são importantes para compor as definições em tais expressões, segundo os propósitos do locutor.

Assim, “trata-se [...] da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com (o)s interlocutor(es), de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar segundo suas intenções [...]” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 132). Além disso, como essas expressões evidenciam a visão de mundo do locutor acerca do referente, por terem valor argumentativo, atuam na construção do sentido. Nesse enquadre, uma expressão nominal definida não somente reitera o objeto de discurso, mas, sobretudo, ela demonstra as atitudes, opiniões, perspectivas da realidade e, portanto, os posicionamentos do produtor textual, a partir de suas descrições e definições em relação ao referente, dentro de um contexto determinado.

Desse modo, as retomadas por meio desse recurso estabelecem a continuidade de sentido do texto, como também sinalizam “a percepção com que o objeto é visto numa determinada situação” (ANTUNES, 2005, p. 114). Por isso, a autora afirma que o uso de expressões nominais definidas seja uma operação não somente linguística, mas sociocognitiva, pois para compreender o que uma determinada expressão significa, é preciso observar o contexto de uso e relacioná-la com os conhecimentos do interlocutor. Koch e Elias (2015) ainda ressaltam que a utilização dessas expressões pelo locutor, permite que o interlocutor conheça características e propriedades do referente que, talvez, ele não saiba.

Nessa perspectiva, por revelarem a maneira como o locutor vê determinada questão e, por conseguinte, a forma como o produtor textual direciona o interlocutor para determinadas ideias, as expressões nominais permitem que “o leitor apreenda a orientação argumentativa do texto. Daí a importância de selecionarmos aquelas expressões nominais e aqueles rótulos mais indicados para revelar o seu projeto de sentido” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 154).

“Vemos, portanto, que a **referenciação** por meio de formas nominais é um dos importantes **recursos argumentativos** que a língua nos oferece” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 98, grifos das autoras). É com base nessas expressões que processos como a **recategorização** se constituem. Adiante, será feita uma explanação acerca desse processo referencial.

3. A recategorização

É um tipo de (re)ativação de referentes que permite não só a sua retomada, mas também a sua transformação no texto. Dessa forma, “[...] um mesmo objeto de discurso recebe diferentes formas referenciais, que modificam (recategorizam) seu status ao longo do texto” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 131). Esse processo de mudança do referente se deve, principalmente, às expressões nominais que adicionam novas informações acerca do referente, como especificidades e características que vão transformando-o no universo textual.

Desse modo, o referente, em meio aos acréscimos de informações, pode manter as mesmas características ou sofrer alterações, sendo, muitas vezes, não exatamente mais “o mesmo”, inicialmente introduzido no texto (KOCH; ELIAS, 2009). Nesse sentido, dadas as possibilidades de reconstrução de um objeto de discurso, Custódio Filho (2011, p. 131) afirma que, ao se falar de recategorização, pode-se “[...] tratar, entre outras coisas, da maneira como as expressões estabelecem a progressão referencial ou da forma como se depreende o projeto argumentativo de um enunciador a partir de suas escolhas referenciais”.

Assim, vê-se que esse fenômeno pode atuar na coesão textual, permitindo a continuidade de sentido, como também na argumentação do texto, pois se utilizando de uma expressão nominal, sinônimo, por exemplo, pode revelar a forma como o locutor vê um determinado referente (negativa, positiva, depreciativa, apreciativa) e, por sua vez, como ele vai apresentando-o para o interlocutor, na busca de convencê-lo de que uma determinada ideia sobre o referente deve por ele ser aceita.

Diante dessas considerações, vê-se que, sendo resultado “de uma escolha que fazemos em razão do nosso projeto de dizer, as formas nominais referenciais assinalam uma dada orientação argumentativa” (KOCH; ELIAS,

2016, p. 98). Por outro lado, a perspectiva argumentativa da recategorização pode ter um viés metafórico, a chamada **recategorização metafórica**, conforme Custódio Filho (2011). Essa perspectiva será detalhada na próxima seção.

3.1 A recategorização metafórica

A recategorização, como já foi tratado na seção anterior, possui um viés argumentativo, pois, além de reconstruir o referente, esse fenômeno traz à tona os pontos de vista do falante sobre o objeto de discurso e, por sua vez, procura levar o interlocutor a crer em determinadas conclusões. No entanto, a recategorização metafórica possui um diferencial: esse fenômeno está voltado à elaboração de objetos de discurso em uma perspectiva mais dinâmica por não se limitar às expressões nominais referenciais (CUSTÓDIO FILHO, 2011).

Esse processo referencial vai além das perspectivas tradicionais, pois focaliza nas diferentes relações entre porções textuais na (re)construção de objetos de discurso. Desse modo, esse fenômeno não ocorre somente por meio de anáforas diretas ou pela relação de correferencialidade, mas também pelas anáforas indiretas, por meio de um complexo processo inferencial. Dessa maneira, é importante que o interlocutor relacione os conhecimentos cotextuais e contextuais para que compreenda a metáfora instaurada, bem como a qual objeto de discurso a expressão se refere.

A partir dessas reflexões sobre as expressões nominais, percebe-se como apresentam diversas funções, já que podem auxiliar na manutenção do “sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva” (KOCH, 2011, p. 106).

Além disso, tanto por meio da recategorização (anafórica ou catafórica), quanto pela recategorização metafórica, viu-se como a referenciação não se constitui apenas nas relações de sentido entre os movimentos referenciais da anáfora e da catáfora, mas sim como um fenômeno amplo, que implica relações contextuais e cotextuais. Essas relações permitem, por sua vez, que o interlocutor construa sentidos no texto, além do caráter argumentativo que essas expressões apresentam, à luz dos dois tipos de recategorização

apresentados, mostrando que a referenciação pode ser efetivamente um recurso argumentativo no uso da linguagem.

Embora esses conceitos venham sendo estudado por diferentes autores há quase meio século, apresentar análises de textos orais colaboram com o entendimento do dinamismo e da efetividade do uso desses recursos nas práticas de linguagem cotidianas.

4. O debate político televisivo

Os debates políticos, principalmente os presidenciais, estão relacionados com a história da televisão, da mídia e da conquista da democracia, de acordo com Leite (2003). Nesse sentido, “os teled debates são instrumento de conquista de voto, mas também resultado da evolução e consolidação da democracia” (LEITE, 2003, p. 1). Ao compreender isso, reconhece-se também que

[...] a história dos debates eleitorais presidenciais televisivos está ligada a dois pontos principais: 1) tecnologia e 2) evolução e amadurecimento do contexto político. [...] Em segundo lugar, o estabelecimento de regimes democráticos e participativos, em que a eleição do cargo máximo da nação se dá através do voto popular (LEITE, 2003, p. 3).

Em relação a sua produção, o debate é uma situação na qual os candidatos são expostos ao público televisivo, ou seja, apresentam-se para os possíveis eleitores. Entretanto, essa exposição pelo “fato de ser ao vivo traz sempre alguma imprevisibilidade (mesmo com todo o planejamento que precede a sua realização), o que aumenta a tensão em torno do acontecimento” (LEITE, 2003, p. 2).

Esses pontos de embate de ideias aumentam quando surgem os posicionamentos contraditórios que, por sua vez, fazem progredir a argumentação, evidenciando elementos referenciais. Esse contraponto sempre é pertinente ao gênero debate, já que, quando o contraditório se instaura, é sinal de que as diferenças podem ser negociadas e de que há, de certa forma, liberdade de pensamento e opinião.

No entanto, para que os debates não sejam meras discussões sem finalidade, com ataques constantes, desigualdade de participação e desrespeito às diferenças são essenciais o controle da discussão e o

estabelecimento de regras de produção. Por isso, os debates políticos televisionados que “envolvem candidatos à presidência, por sua importância e capacidade de mobilização mediática – podem ser considerados combates regulamentados, precedidos de longas deliberações a respeito das ‘regras do jogo’” (LEITE, 2003, p. 2).

Os debatedores políticos, por sua vez, combinam com suas assessorias uma espécie de roteiro a ser seguido durante seu tempo de exposição. Assim, esse gênero da oralidade requer que seja feito um planejamento de todas as suas etapas, porém, justamente por ser oral, sempre há espaço para improvisação.

O debate político, sendo um gênero textual, utiliza-se de recursos textuais variados, uma vez que seu suporte e sua finalidade são alinhados pelos interesses e pelas ações discursivas do político (debatedor); do canal televisivo (jornalismo) e, principalmente, do público (auditório). Além disso, “os debates podem ter uma forma livre, e cada debatedor expressa o que pensa e o que acha sobre o tema, ou podem também ter regras (debate regrado), com a presença de um moderador” (COSTA, 2009, p. 76).

O debate é, portanto, uma situação comunicativa planejada (debate regrado) que visa à discussão de temas relevantes e, para tanto, move diversificados elementos argumentativos e referenciais. Logo, em síntese, compreende-se o debate político como:

[...] uma discussão, argumentação e resolução formais de uma moção diante de uma assembleia legislativa ou outro corpo deliberativo de público, de acordo com as regras do procedimento parlamentar ou regulamentar. [Contudo,] no cotidiano, trata-se de uma discussão acirrada, altercação, contenda por meio de palavras ou argumentos ou exposições de razões em defesa de uma opinião ou contra um argumento, ordem, decisão etc. (COSTA, 2009, p. 74, acréscimo dos autores).

É importante saber, também, que sua realização se faz pela modalidade oral e confronto opiniões sobre temas específicos, às vezes, pré-selecionados. A linguagem utilizada é a cuidada, visto que o ambiente de realização é formal, e atenta-se para a argumentação e exposição de ideias de forma clara, segundo Costa (2009).

O gênero em análise, portanto, se associa ao debate público regrado, descrito por Costa (2009). Nesse tipo de debate, acontece a exposição de

opiniões sobre determinado tema entre os debatedores e um ou mais moderadores que regulamentam o debate e asseguram a credibilidade da exposição, de acordo com as normas da emissora.

5. Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido sob uma perspectiva qualitativa, já que na análise do *corpus* o foco foi a compreensão dos fenômenos analisados (LOHN, 2010 apud CAJUEIRO, 2013). Além de focalizar na interpretação, buscou-se conduzir a investigação num âmbito subjetivo e flexível, justamente por não haver quantificação na análise do objeto de estudo, segundo Moreira (2000). Além disso, há nuances que surgem por questões interpretativas, pois centrou-se no processo, no desenvolvimento da pesquisa em si, no seu entendimento e não no produto final (MOREIRA, 2002).

Além do mais, o próprio processo de pesquisa exerce influência no contexto do estudo, isto é, “admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado” (MOREIRA, 2002, p. 44). Tais características conferiram dinamismo na condução deste trabalho.

O *corpus* deste estudo é constituído de recortes do debate político televisivo do segundo turno das eleições de 2014 transmitido pela rede Band de televisão, o qual foi selecionado de forma aleatória entre nove debates transmitidos no mesmo período eleitoral. Nesse debate, há dois interlocutores que promovem as discussões, já que se trata de um debate de segundo turno. Para a obtenção dos dados escritos, foi realizada a transcrição do debate com base nas normas de Marcuschi (2003) e Preti (2000), que foram adaptadas e estão disponíveis em anexo. Os recortes são provenientes de momentos interativos diferentes. Os candidatos são denominados como E1 e E2.

Sobre as análises, procurou-se observar a atuação das expressões referenciais a partir dos processos já mencionados, a recategorização (anafórica ou catafórica) e a recategorização metafórica, no que se refere à argumentatividade instaurada por esses processos no debate, além da manutenção dos sentidos nesse gênero.

6. Análise do corpus

As análises a seguir foram retiradas do primeiro, segundo e quarto blocos, cujas temáticas abordadas foram as seguintes: saúde, qualidade dos serviços públicos, inflação, plano real, PRONATEC e desenvolvimento econômico.

Recorte 1

E2 - candidata... ((ri)) eu não sei quem tem lhe dado **esses números...** não repita... aquela oposição tão desqualificada que o PT fez ao nosso governo a senhora repete **os mesmos números... não são verdadeiros** candidata... aliás não falar a verdade se tornou uma tônica da sua campanha /.../ o ministério da saúde do seu governo... é quem diz que Minas Gerais... governada por mim... tem a melhor qualidade de atendimento de saúde de toda região Sudeste... nós vamos aumentar por exemplo o **programa saúde da família** que o seu governo a-ban-do-nou **um programa extraordinário** criado no governo... do presidente F.H. /.../

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nesse excerto, tem-se uma tréplica de E2 referente às colocações anteriores de seu oponente. Aqui, esse debatedor questiona os números apresentados por E1 relacionados à saúde do estado de Minas Gerais e afirma que eles não são verídicos. Além disso, esse enunciador afirma que o estado de Minas Gerais foi considerado o melhor na qualidade de atendimento na área da saúde, algo, segundo ele, comprovado pelo Ministério da Saúde. Para finalizar, esse candidato diz que seu futuro governo aumentará um determinado programa de saúde.

A expressão “programa saúde da família” é recategorizada anaforicamente pela expressão nominal “um programa extraordinário” que, não só a caracteriza positivamente, como também traz uma força argumentativa ao que o candidato enuncia. Assim, ao destacar que um bom programa como esse foi desenvolvido em um governo anterior, pertencente ao partido de E2, mostra que esse candidato realizou ações benéficas para área da saúde, em contrapartida ao governo de E1, quando afirma que este último descartou esse programa. Aqui, é possível ver como a realidade pode

ser reelaborada pela linguagem², a partir da visão de mundo do locutor, como se observa na fala de E2, em que ele reconstrói o referente mediante suas convicções e seus posicionamentos, os quais pretende imprimir como uma verdade a ser aceita pelos telespectadores.

Desse modo, como foi abordado na seção 3, a formulação da expressão nominal pelo candidato, traz à tona a ideia veiculada por Koch e Elias (2016), a qual assinala que toda escolha feita para se enunciar algo, traz uma força argumentativa, além do fato de haver uma transformação do referente, que é denominado como algo incrível e admirável, destacando, assim, a importância do programa saúde da família.

Além disso, há outra expressão nominal que promove uma reconstrução de um referente: “não são verdadeiros” que reiteram “esses números”. Apesar de haver um verbo na expressão, ele apenas tem função conectiva, ligando o referente à característica que lhe é dada. Nessa perspectiva, o debatedor afirma que os números apresentados por E1 sobre a saúde, em uma fala anterior, são inverídicos, algo que vai afirmando ao longo de sua fala, quando afirma, por exemplo, “o ministério da saúde do seu governo... é quem diz que Minas Gerais... governada por mim... tem a melhor qualidade de atendimento de saúde de toda região Sudeste... nós vamos aumentar por exemplo o programa saúde da família que o seu governo a-ban-do-nou”. Nesse enunciado, para mostrar que os números negativos sobre a saúde do estado de Minas Gerais não são verdadeiros de fato, o candidato E2 afirma que o próprio ministério da saúde do governo do então presidente E1 atesta que o referido estado é o melhor do Sudeste no quesito atendimento.

Recorte 2

E2 – candidata... todos os telespectadores e todos os cidadãos brasileiros... percebem hoje a baixíssima qualidade... dos serviços públicos... em todas as áreas... educação... na saúde... na segurança pública /.../ infelizmente... nenhuma proposta no campo da valorização do servidor que presta serviço de boa qualidade... foi incorporado no seu governo... existem experiências exitosas em vários estados... da federação... umas delas no estado... do meu amigo... companheiro E... C... e em outros estados... inclusive do seu partido...

² O real existe, mas não pode ser alcançado pelo sujeito, porém a realidade pode ser (re)criada por meio da linguagem, trazendo a “possibilidade de a “realidade” ser traduzida em diferentes versões” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 113).

por que o governo federal ao longo desses doze anos não buscou incorporar absolutamente Nada que privilegiasse o serviço de boa qualidade... nas suas propostas na área administrativa?...

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Neste recorte, tem-se um questionamento de E2 para E1 sobre o fato de o partido dele não ter feito algo para melhorar os serviços públicos do país. Para isso, ele fez considerações a respeito desses serviços, afirmando que os brasileiros veem pouca qualidade nesses serviços. Esse enunciador continua sua fala asseverando que o governo de seu oponente não propôs medidas para valorizar os servidores públicos no país e, também, que há muitos estados brasileiros que promoveram investimentos nos serviços públicos e, nessa passagem, é possível perceber retomadas anafóricas por meio de uma recategorização: “existem **experiências exitosas em VÁrios estados... da federação... umas delas no estado... do meu amigo... companheiro E... C... e em outros esta:dos... inclusive do seu partido...**”.

Nesse segmento, o referente “VÁrios estados... da federação” é não só reiterado, mas recategorizado pelo enunciado “no estado... do meu amigo... companheiro E... C...”, que indica um estado específico que obteve boas experiências no quesito serviços públicos, porém para que o telespectador saiba de qual estado se trata, é importante que ele tenha o conhecimento de quem se trata E.C. (Eduardo Campos), que fora governador de Pernambuco, para então inferir que o estado ao qual E2 se referia é esse. Ao utilizar essa recategorização anafórica, E2 argumenta em favor da sua tese de que seu oponente não soube investir em serviços públicos de qualidade, ao argumentar que, diferentemente dele, outros estados tiveram, o que ele denomina de “experiências exitosas”, o que é comprovado ao final de sua fala quando ele questiona o porquê de seu governo não ter investido nos serviços públicos. Mais uma vez, constata-se que a recategorização atua na modificação dos objetos de discurso conforme os objetivos discursivos de cada debatedor, considerando os pressupostos de Custódio Filho (2011).

Recorte 3

E1 - candidato... eu não escolhi... o candidato a ministro da fazenda que o senhor escolheu... como é que o senhor quer que eu acredite... que... **com a mesma receita... o mesmo cozinheiro vocês vão entregar um prato diferente do que já entregaram pro Brasil...** vocês candidato gostam de cortar... gostam de cortar e SEMpre cortam... cortam emprego cortam salários agora sobretudo candidato... o senhor não fala nos novecentos por cento quando SEU candidato a ministro da fazenda entrou no governo... a inflação estava... sob controle... quando **ele** deixOU o governo... um ano antes... quando o presidente L. não ERA candidato oficial ainda... a inflação chegou a sete vírgula sete /.../

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Neste recorte, E1 refuta as colocações anteriores de E2 por meio de uma tréplica. Aqui, ele trata da questão da inflação e afirma que o candidato a ministro da fazenda escolhido por E2 tinha feito a inflação aumentar e acrescentou, ainda, que não acredita que E2, apresentando as mesmas posturas de seu partido, trará melhorias para o país. Nessa perspectiva, tem-se a atuação da recategorização metafórica na construção da argumentação, assim como da manutenção da tessitura textual.

Pode-se observar a ocorrência desse fenômeno quando esse enunciador afirma “**com a mesma receita... o mesmo cozinheiro vocês vão entregar um prato diferente do que já entregaram pro Brasil...**”, em que trata metaforicamente do fato de não acreditar que o partido de seu oponente faça as mesmas ações, e que seus representantes executem essas mesmas ações da mesma forma e, ainda assim, tragam resultados diferentes para o país dos que já foram entregues antes.

Assim, para que o telespectador compreenda essa metáfora, é necessário que relacione os conhecimentos prévios sobre as ações e propostas do partido de seu oponente (PSDB) e dos representantes desse partido com o que é apresentado nesse contexto pela fala de E1 para entender que essa receita, o cozinheiro e o prato são as práticas desse partido, bem como os seus representantes e, por sua vez, os resultados dados ao Brasil, os quais, por sinal, E1 qualifica como negativos pela maneira como fala disso. Essa relação que o telespectador faz entre cotexto e o contexto demonstra justamente a natureza sociocognitiva da referenciação.

Esse processo referencial demonstra, ainda, como a referenciação resulta de uma negociação de sentidos entre os locutores, pois, no debate, o candidato antecipa que o público compreenda e aceite como válidas as suas colocações, idealizando, por seu turno, que ele entenda a metáfora instituída e que, para isso, ele faça as devidas relações com as pistas cotextuais e contextuais. Isso mostra que interlocutor é ativo no processamento textual e, portanto, é um coenunciador, como afirmam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Isso também revela como a referenciação reelabora a realidade, pois, ao recategorizar as ações do partido, bem como seus representantes e os resultados gerados para o país, E1 reconstrói esses referentes mediante a visão que tem do partido de seu oponente.

Recorte 4

E2: /.../ o seu... governo... e vou lhe dizer algo e talvez a senhora... deve saber talvez não queira admitir **o maior programa de transferência de renda da nossa história contemporânea...** não foi o bolsa família... fruto do bolsa esco::la do bolsa alimentação foi **o plano real** foi a estabilidade da moeda... que vocês combateram com toda a força /.../

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nesse recorte, E2 ao tratar sobre um programa de transferência de renda, promove também uma recategorização por meio de expressão nominal que traz uma orientação argumentativa ao seu discurso para convencer o público que é o candidato mais apto à presidência. Esse candidato, ao abordar o plano real, objeto de discurso, recategoriza cataforicamente a partir da expressão nominal “**o maior programa de transferência de renda da nossa história contemporânea...**”, caracterizando-o de forma extremamente positiva para o público. Aqui, esse enunciador enaltece esse plano não somente porque essa medida realizada permitiu o controle da inflação do país, mas, sobretudo, porque quem esteve à frente desse projeto foi o então ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso (pertencente ao mesmo partido de E2, (PSDB) que, posteriormente, foi eleito presidente do Brasil.

Nessa perspectiva, E2 procura levar o público a crer que o plano real foi a melhor medida econômica feita no país e, principalmente, que foi desenvolvida por um político de seu partido (PSDB), logo, esse debatedor

articula que o seu grupo partidário fez algo extremamente positivo para a economia do Brasil e que supera o programa Bolsa Família. Assim, E2 orienta o telespectador quanto à ideia de que seu partido deixou um grande legado econômico em contrapartida ao programa Bolsa Família, sendo, portanto, um grupo político melhor que o de seu adversário.

Recorte 5

((Réplica))

E1 - candidato... o Pronatec tem oito... milHÕES de matrículas realizadas... OITO milhões... os programas que o senhor se refere... são peQUEnos programas pilotos... não têm escala... e mais... muitos deles... não eram... sequer gratuitos... o Pronatec É um programa gratuito pra TODOS OS BRASILEIROS que precisam de ter formação técnica... no que se refere à previsibilidade... eu... acredito que a presivibi - a gente tem de perguntar... para QUEM a previsibilidade?... Presi previsibilidade para ter... a maior... a seGUNda maior TAXA de desemprego e NÚmero de desempregados em dois mil e dois... em relação ao MUNdo?... Só pe só só ganhamos da Chi... da... Índia que tinha quarenta e um... vocês... conseguiram ter... ONZE milhões e quatrocentos MIL desempregados em dois mil e dois... então... presivibili previsibilidade pra o desemprego?...

((tréplica))

E2 - **candidata... tire os olhos do retrovisor...** vamos falar pro futuro... vamos falar para quem está em casa até essa hora... nos ouvindo... vamos falar de um Brasil que pode crescer muito mais do que está crescendo... não é:: razoável... não é adequado que **nós sejamos o lanterna do crescimento ao lado da Venezuela esse ano** na nossa região... **nós** vamos crescer NADA esse ano... o reajuste real do salário mínimo que:: de dois mil e dezesseis... por exemplo... já está... estabelecido... porque é o crescimento do PIB desse ano é NADA... /.../

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nesse fragmento, E2 rebate as colocações anteriores de seu oponente quando este falou sobre o PRONATEC e, também, sobre questões econômicas, afirmando que no governo anterior (do mesmo partido de E2) ao governo do presidente L. havia muito desemprego e que isso sim seria algo previsível para o futuro governo de E2. Assim, em um tom de ironia, E2 fala para que E1 “tire os olhos do retrovisor...”, afirmando metaforicamente que ele deveria parar de olhar para trás, portanto, para o passado. Essa ideia de passado não é descrita explicitamente, mas é recategorizada

metaforicamente pelo debatedor E2. Todavia, tanto E1 quanto o próprio telespectador podem compreender a ideia estabelecida não só pelo cotexto, mas, sobretudo, pelo contexto.

Nesse caso, cabe um trabalho mental, no qual o interlocutor necessita estabelecer relações explícitas e implícitas do texto. Assim, é importante que o público compreenda a metáfora empreendida por meio de conhecimentos de mundo (olhar para o retrovisor é olhar para o que está atrás) e das pistas contextuais dadas por E1 (na fala anterior, a réplica) e E2 nesse turno de fala.

Dessa forma, ao falar essa expressão, E2 retoma as colocações anteriores de E1, que traz uma referência a esse tempo passado, quando E1 diz “Presi previsibilidade para ter... a maior... a seGUNda maior TAXA de desemprego e NÚmero de desempregados **em dois mil e dois...** em relação ao MUNdo? Só pe só só ganhamos da Chi... da... Índia que tinha quarenta e um... vocês... conseguiram ter... ONZE milhões e quatrocentos MIL desempregados **em dois mil e dois...**”. Aqui, E1 menciona essa problemática com o desemprego no período de doze anos antes, relacionando indiretamente ao governo do último presidente do Brasil do PSDB, partido de E2.

Além disso, para E2, tais situações econômicas passadas já não seriam relevantes no então atual momento do debate (2014), quando ele afirma que ambos deveriam tratar do futuro em “vamos falar pro futuro... vamos falar para quem está em casa até essa hora... nos ouvindo...”, o que confirma a ideia estabelecida por ele ao dizer para seu adversário que não tratasse do passado, e sim olhasse para o futuro.

Adiante, quando E2 fala “não é:: razoável... não é adequado que **nós sejamos o lanterna do crescimento ao lado da Venezuela esse ano** na nossa região...”, ele fala sobre ser inadequado o fato de o Brasil estar em último lugar no ranking do desenvolvimento econômico, assim como a Venezuela. Essa ideia de o Brasil estar em último lugar na economia, assim como ocorreu anteriormente, não é explicitada textualmente, mas pode ser recuperada e compreendida a partir do entendimento da metáfora em uma perspectiva sociocognitiva e de negociação de sentidos entre enunciador e o telespectador.

Aqui, “lanterna” indica estar em última posição, algo que só pode ser compreendido por meio de um conhecimento prévio do interlocutor de que

essa metáfora significa isso, conhecimento este que só pode ser adquirido socialmente. Além disso, na própria fala de E2, ele dá indícios de que o país está com problemas no que se refere ao desenvolvimento econômico, dando pistas cotextuais, quando diz que o Brasil não cresceu nada, assim como o PIB, e do quanto isso comprometeria o reajuste salarial de 2016.

Diante dessas análises, foi possível ver como as expressões nominais atuaram argumentativamente no texto. Em cada turno de fala dos enunciadores em questão, cada um procurou caracterizar os objetos de discurso de acordo com as perspectivas que pretendiam assinalar, seja num âmbito negativo ou positivo, e, por conseguinte, orientar o público para esses objetivos pretendidos, por isso que essas expressões referenciais designam orientações argumentativas. “Vemos, portanto, que a **referenciação** por meio de formas nominais é um dos importantes **recursos argumentativos** que a língua nos oferece.” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 98, grifos das autoras).

Considerações finais

Com esse estudo, viu-se como os candidatos dotaram seus enunciados de argumentatividade por meio das expressões nominais expressas nas recategorizações. Os enunciadores não só reiteraram os referentes, como os reconstruíram a partir de seus pontos de vista e visões de mundo, modificando-os, portanto, recategorizando-os. Isso mostra não somente uma reconstrução da realidade, como também instaura a argumentação perante as discussões do debate, pois, ao fazerem essas reconstruções dos objetos de discurso, explícitos ou não, os candidatos trouxeram suas opiniões sobre esses referentes, como forma de enaltecer suas ideias ou desmerecer as colocações e/ou propostas de seus oponentes para convencer de que cada um era o melhor candidato e de que seu oponente não estaria qualificado para ser presidente da república.

Além disso, ao estudar tais categorias textuais, viu-se que os enunciadores (debatedores) conegociam sentidos com seu auditório, afinal eles produzem suas falas mediante o compartilhamento de conhecimentos de mundo e prováveis conhecimentos prévios que os telespectadores possuam. Somente assim, eles podem construir suas argumentações e recategorizarem, principalmente quando fazem um processo metafórico para reintroduzirem o

referente, somando sentidos e valores sobre esse objeto de discurso. Esse trabalho interativo se aloca na textualidade do gênero debate político que tem natureza argumentativa.

Nesse sentido, as recategorizações, ora estudadas, realmente são recursos argumentativos que possibilitam a finalidade do gênero debate: convencer/persuadir o público televisivo a eleger determinado candidato. Essa ação se efetiva quando os debatedores apresentam indícios cotextuais e contextuais em sua fala. Assim, a linguagem, mesmo em contexto do embate de opiniões, se realiza de maneira interativa.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p.110-175. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8896>. Acesso em: 7 de nov. 2017.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. New York: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção Textual**. São Paulo; Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 11. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e Produção Textual: gêneros textuais do argumentar e do expor**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEITE, Janaina Frechiani Lara. **Os presidenciais no ringue eletrônico apontamentos sobre a história dos debates presidenciais televisivos**. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, XXVI. Belo Horizonte, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5.ed., 6.reimpr. São Paulo: Ática, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.

Anexo - Critérios de transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Qualquer pausa (_ : :)	...
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Dúvidas ou suposições do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (junção de duas palavras ou interrupção brusca pelo interlocutor)	/
Entonação enfática	MAIÚSCULA
Silabação	-
Comentários do transcritor	((minúscula))
Interrogação	?
Quebra da sequência temática	-- --
Simultaneidade de fala (no início do turno)	Ligando [[as linhas
Sobreposições (durante o turno exceto no início)	Ligando [as linhas
Interrupção da fala em determinado ponto (exceto no início)	(...)
Citações	“ ”
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	/.../
Repetições	(duplica-se a parte repetida)
Alongamento de vogal ou consoante	::
Pausa preenchida	<u>ah, eh, oh, ih, ahã, anh, ehñ, uhñ</u>
Iniciais maiúsculas	Para nomes próprios ou siglas

Fonte: Grupo Linguagem e Retórica, adaptado de Marcuschi (2003), Preti (2000) e projeto NURC.

Forma de citação sugerida

SANTOS, Janyellen Martins; SILVA, Romildo Barros da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Argumentação e referenciação no debate político televisivo: análise das expressões nominais. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 1, p. 157-177, 2020. DOI 10.17648/eidea-20-v1-2501.